

# TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E CIBERESPAÇO: PESQUISA SOBRE A CIDADE DE RESENDE VIRTUAL

Prof Ms. Miguel Carlos Damasco dos Santos  
mdamasco@inf.aedb.br

Analista de Sistemas pela FAAP

Pós-graduado (EAD) em Docência do Ensino Superior pela UFRJ

Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ

## RESUMO

A cidade contemporânea tem enfrentado diversas transformações provocadas pelo emprego das novas tecnologias da informação e da comunicação, que tem a Internet como o seu maior fenômeno. A complexidade estrutural da cidade real, além do seu relacionamento diário com o global, tem causado uma mutação constante nas suas características e peculiaridades, fazendo surgir cidades digitais e/ou virtuais. A cidade digital está inserida na cidade virtual, que é muito mais do que fluxo de bits; são as representações gráfica, cognitiva e afetiva de uma cidade. Com a expansão da Internet, as pessoas e as empresas de Resende podem usufruir acesso total ao universo da rede interativa, trocando informações, possibilitando a construção do conhecimento, além do desenvolvimento cultural de quem a toma para si, seja um indivíduo, seja uma organização. O tema do presente trabalho tem por objetivo investigar o uso local das possibilidades da Internet, as novas formas de relações sociais e de negócios diversos, tomando como ponto de partida o espaço imaterial de fluxos conhecido como ciberespaço, e seus reflexos na cidade brasileira de Resende, Rio de Janeiro. Várias vias de acesso a cidade virtual de Resende estão sendo criadas e a construção de suas formas imateriais, que propõem um simulacro da cidade real, é um processo em curso e sem volta. Entender os impactos dessa nova forma de produção de um espaço urbano imaterial é um dos maiores desafios do nosso tempo. A cidade virtual potencializa as virtudes da cidade real e amplia as formas de comunicações entre os cidadãos, já que são espaços de fluxos eletrônicos dentro da nova ordem tecnológica. O trabalho trata de levantar o contexto da extensão virtual da cidade e fazer um contraponto com a real. Mostrar como a atual Resende, num momento de desenvolvimento industrial e em constante contato com várias culturas transnacionais, procura absorvê-las sem desvalorizar sua identidade cultural.

**Palavras-chave:** ciberespaço, cidade, tecnologia da informação e virtual.

## 1. INTRODUÇÃO À CIDADE VIRTUAL

A sociedade moderna encontra-se diante de uma nova forma de produção social do espaço, apresentando um sistema de relações sociais, expressas no ciberespaço, no qual o tempo real-instantâneo é um tempo sem tempo e a nova cotidianidade é destituída de espaço e matéria. A presentificação, a imediatez, a realidade virtual e as diversas possibilidades de comunicação on-line sugerem um novo ambiente, chamado de cidade eletrônica, digital ou virtual, derivada das redes infocomunicacionais.

A tecnologia da informação é o suporte estrutural e básico para a duplicação e extensão da cidade real em cidades virtuais. Tal cidade é resultado de um conjunto de máquinas que interagem simultaneamente via rede de informática, como a Internet, podendo provocar um esvaziamento do espaço urbano e um investimento no tempo. Mas é, antes de tudo, não um lugar, mas sim um processo caracterizado pelo predomínio do espaço de fluxos. Apesar da economia e das relações sociais se processarem, normalmente, nas cidades reais, cada vez mais, temos a expansão de uma cidade eletrônica apoiada pelas redes. As telecidades possibilitam, não só uma desterritorialização da sociabilidade, mas também uma desmaterialização de processos de produção, circulação e consumo.

Graham e Aurigi, classificam as cidades como enraizadas quando representam uma cidade territorial, e como cidades desenraizadas quando servem como uma espécie de guia informativo acerca de determinado espaço urbano (Apud SCHWINGEL, 2001, s. p.). Lemos acrescenta a tais tipologias uma terceira, a da cidade metafórica, ou seja, sites que utilizam a metáfora de uma cidade na arquitetura do desenvolvimento, sem representar uma cidade territorial, como, por exemplo, o Geocities, um serviço gratuito de armazenagem de páginas no qual os internautas escolhem o bairro em que desejam “morar.” (LEMOS, 2000, s. p.)

Segundo Lemos, Lefebvre definiu a cidade como a “projeção da sociedade sobre um dado território”. Essa afirmação parece um ponto de partida indispensável, porque, se é necessário ultrapassar o empirismo da descrição geográfica, corre-se o risco de imaginar o espaço como uma “página em branco” sobre a qual se inscreve a ação dos personagens sociais, sem encontrar obstáculos, a não ser o desenho das gerações anteriores.

Na virtualização das cidades, devemos ter em mente que todo espaço urbano é heteróclito e sua forma “evoca e provoca esta concentração e esta dispersão: massa, acumulações colossais, evacuações. O urbano se define como lugar onde pessoas andam sobre os pés, encontrando-se diante de pedaços de objetos.” (LEFEBVRE, 1970, p.57)

Por mais que a urbanização seja planetária, nenhum lugar é idêntico ao outro enquanto prática. Neste sentido, embora as cidades virtuais sejam quase idênticas em estrutura de informação, as práticas dos *netizens*, que definiriam suas características, não o são. Deve-se dar mais ênfase nas práticas do que na simples arquitetura da informação. Lógico que estas devem ser pensadas para proporcionar espaços de apropriação criativa por parte dos usuários, sob a pena de reproduzir apenas uma visão institucionalizada e asseptizada das cidades.

No fundo, como mostra Lefebvre, o ciberespaço pode proporcionar a possibilidade de anulação das distâncias entre os ocupantes de uma cidade, mesmo que seja a anulação da distância simbólica, pela comunicação sob forma digital. Esta é a utopia do espaço urbano: “a superação do fechado e do aberto, do imediato e do mediado, da ordem próxima e da ordem distante, em uma realidade diferencial na qual estes termos não se separam mais, mas mudam em diferenças imanentes.” ( Idem, p. 57)

A cidade digital não deve ser pensada em oposição àquela ancorada nos espaços de lugares; bem ao contrário. Estas podem ser vistas como a atual integração de localidades e regiões nas emergentes redes telemáticas mundiais. Tanto assim que os grandes portais e sites informativos têm, em suas páginas, links para locais da cidade digital com informações diversas sobre as cidades reais.

A estrutura organizacional de uma cidade digital lembra um rizoma, ou seja, uma multiplicidade de conexões que se ramificam e se reticulam, num intenso processo de

desterritorialização e reterritorialização das relações sociais. A concepção desta cidade formada por rede de fluxos possibilita vislumbrar um ordenamento da imaterialidade das relações sociais. A análise desta cidade implica uma concepção de espaço deslocada do movimento de matérias e do tempo-duração.

Para Barbero, as cidades pós-industriais estão passando por transformações importantes com o advento das novas tecnologias de comunicação, caracterizando-se por um movimento crescente de desterritorialização dos mundos simbólicos e esfacelamento de fronteiras entre o arcaico e o moderno, entre o local e o global, a cultura letrada e a audiovisual. Estas transformações repercutem nas formas do “estar junto” nas cidades contemporâneas, abrindo o espaço para que elas entrem num processo de modernização urbana de forma acelerada, onde os sistemas de comunicação criam ambientes propícios para nos apresentar a cidade digital. (BARBERO, 1996, p. 27)

Dentro da cultura informacional, a cidade digital é um dos pontos nodais que se interliga a outros pontos/cidades compondo uma intrincada rede global. Esta cidade global já não está em um local específico, caracteriza-se como um processo nos fluxos globais em transformação através do qual produção e consumo de bens e serviços, bem como as sociedades que os desenvolvem estão conectados em rede. E se cada nó, cada local dependeria e influenciaria os demais, as alterações significativas que ocorressem localmente nos âmbitos econômicos, tecnológicos e simbólicos influenciariam todo o sistema social.

Os avanços nas forças produtivas sugerem maiores investimentos na velocidade como vetor de uma nova cultura e a implantação de uma cidade digital, onde as grafias deixadas pelas relações sociais desaparecem, pois não são mais materiais, articulando-se e dinamizando-se em redes rizomáticas. Por outro lado, os investimentos em teleporto, cabos de fibra ótica, satélites etc, têm sido acompanhados por desinvestimento do Estado na dimensão do espaço físico-social da cidade, tais como melhorias nos transporte, hospitais, escolas etc.

Virilio (Apud SILVA, 2000, s.p.) afirma que à medida que as tecnologias de comunicação estão cada vez mais velozes e ligadas ao tempo real, destroem-se as geografias, obliterando-se os territórios através de uma transferência do espaço real das cidades e dos territórios para as imagens, ou seja, para a tela dos computadores. Apesar dessas considerações, mesmo sem ser um espaço material, a cidade eletrônica é parte integrante da concepção materialista da sociedade contemporânea conectada nas infovias.

A cidade e as ciber-cidades devem ser vistas como formas espaço-temporal que se constroem pelo movimento: transporte e comunicação. No processo de virtualização das cidades, deve acontecer, para que as ciber-cidades possam ser assim chamadas, formas de transporte e comunicação, onde os percursos de pessoas pelo espaço informativo a partir de trocas comunicacionais possa se inserir em trocas de informação entre elas. (LEMOS, 2000, s. p.)

A dinâmica da cidade eletrônica implica uma estruturação complexa, interativa, instável e auto-organizante que conta com a desordem expressa no acesso à rede e às diversas relações sociais que se apresentam. Como vimos, a estrutura dessa cidade é rizomática, permitindo estratificações e territórios das tribos dos zippies, hackers, cyberpunks, tecno-anarquistas, neonazistas, pedófilos e de muitos outros grupos. Entretanto, criam-se linhas de fuga e de desterritorialização de diversas tribos na rede. Desse modo, ordem e desordem são parte integrante dos processos ligados a territorialização, já que a existência da cidade eletrônica não implica um controle centralizado, mas sim uma desordem expressa em múltiplas conexões sem hierarquias.

Castells chama a atenção para o fato de que a emergente troca de informações telemáticas potencializa uma separação entre as relações no espaço e aquelas na rede, como, por exemplo as várias funções exercidas na vida cotidiana, como trabalhar, comprar, se educar, ou mesmo se divertir. No entanto, o sociólogo mostra que em nenhum momento esta dissociação pode ser interpretada como esvaziamento da cidade real em função da separação e isolamento de seus indivíduos. Muito pelo contrário, as trocas tenderiam a aumentar, no II Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT’2005

espaço físico, os problemas como a circulação de pessoas. Os problemas de transportes tenderiam mesmo a se agravar, já que, pelo impacto das novas tecnologias na vida cotidiana, as pessoas estariam liberadas do confinamento espaço-temporal em escritórios, agências de burocracia ou bancos. (CASTELLS, 1999, p. 421 e 423)

A cultura das redes instalada na cidade digital não tem vinculação com qualquer tipo de regionalidade, já que é uma cultura do imediato, sem referências nacionais específicas, firmando-se fora dos espaços materiais, através das telecidades cuja “estrada principal” é via satélite e cabo de fibra ótica. Viver na cidade digital pode ser visto como habitar um espaço onde as novas tecnologias permitem a flexibilidade do trabalho, acesso à informação global, comunicação com aqueles que fazem parte da sua rede de conhecimentos, ou então, isolar-se e esquecer de tudo aquilo que não lhe interesse. Tal como nas cidades, existem bairros “não aconselháveis”, que muitos tendem a esquecer, porque simplesmente não estão à vista no dia-a-dia. (CARDOSO e AFONSO, 1999, s. p.)

Existe uma dificuldade em caracterizar com clareza a socialidade na cidade eletrônica. Estamos diante de um outro tipo de produção cultural, no qual a referência identitária a um lugar desaparece. É necessário, portanto, uma renovação conceitual sobre a definição de um território a partir dos limites reais da identidade cultural de um grupo social na *ciber-cidade*. Na rede não há fronteiras para as territorialidades expressas pelas tribos eletrônicas, onde diversos grupos de pessoas se identificam e passam a ter uma relação afetiva com um espaço virtual que não deixa de ser uma forma de territorialização. A idéia do territorialismo associado ao enraizamento às fronteiras físicas e ao controle político urbano desaparece. A chave eletrônica dá acesso à rede e a novos territórios culturais imaterializados que se colocam no limiar deste século.

Na verdade, o ordenamento das cidades eletrônicas implica a sua partilha por diversas tribos que se juntam por laços de afetividade cultural, sexual, racial etc. Nesse sentido, mais uma vez, podemos observar o virtual como extensão do real. (SILVA, 2000, s. p.)

Enfim, apesar do ciberespaço e de seu caráter altamente de exclusão social para grande parte da população mundial, tudo indica que a sociedade moderna estará cada vez mais conectada à rede mundial de computadores. Dessa forma, devemos estudar a revolução telemática em seu impacto e reflexo das mudanças nas cidades contemporâneas, levando-se em conta a emergência de uma cidade eletrônica, com uma multiplicidade de territórios culturais, econômicos e sociais.

## **2. RESENDE VIRTUAL**

O progresso das tecnologias da comunicação e informação, em função de sua penetrabilidade nas demais esferas das atividades humanas, é o ponto inicial para se analisar a atual complexidade das novas sociedade e cultura. Dentro desta complexidade, todas as tendências e fatores estariam interligados, assim como todo local por menor expressividade hierárquica que tenha dentro da rede, estaria em uma relação de interdependência e vulnerabilidade aos fluxos globais em transformação. (CASTELLS, 1999, p. 24 e 410)

Estaríamos com uma nova estrutura social, com um novo modo de desenvolvimento, em uma sociedade informacional. Entre defensores e opositores à tese de que as tecnologias da informação estariam desenvolvendo uma nova sensibilidade, vários autores partiram para análises de como tempo e espaço se constituem nesta cultura contemporânea advinda das redes telemáticas. Entre eles, Barbero, que entende a alteração da sensibilidade em função da aceleração dos processos de modernização urbana, conforme:

Na pesquisa sobre os novos modos de 'estar junto' aparecem em primeiro lugar as transformações da sensibilidade produzidas pelos acelerados processos de modernização urbana e os cenários da comunicação que, em suas fragmentações e fluxos, conexões e redes, apresenta a cidade virtual. (BARBERO, 1996, p. 27)

A cidade virtual de Resende faz parte do ciberespaço, desde a difusão da Internet no transcorrer da última década. Neste contexto, conforme apresentado segundo Castells, a cidade deixa de ser somente um local:

Defenderei que, por causa, da natureza da sociedade baseada em conhecimento, organizada em torno de redes e parcialmente formada de fluxos, a cidade informacional não é uma forma, mas um processo, um processo caracterizado pelo predomínio estrutural do espaço de fluxos. (CASTELLS, 1999, p. 423)

A Internet, principal instrumento de acesso à cidade eletrônica, está mudando a forma do resendense fazer negócios, de se relacionar, de pesquisar e estudar. Desde a pequena loja, escola ou escritório até as empresas e corporações da cidade, muitos estão buscando uma participação maior na grande rede com o intuito de atingir um diferencial competitivo, acompanhando a evolução tecnológica e a velocidade do conhecimento. A Internet deve, de alguma forma, se tornar parte do dia-a-dia de grande parcela dos habitantes do município nos próximos anos.

Em Resende, o número de usuários da Internet cresce a cada ano em velocidade maior do que muitos imaginam, segundo especialistas consultados. O grande número de usuários não reflete apenas a curiosidade das pessoas pela grande rede, mas também o grande potencial da cidade no mercado que mais cresce no mundo, o das telecomunicações. A cidade digital de Resende é a dimensão imaterial de fluxos de bits, que se deslocam através de um conjunto de máquinas e computadores em rede, que interagem simultaneamente provocando um investimento no tempo. A circulação é muito maior, mais rápida, imediata e instantânea.

A virtualidade da cidade digital de Resende facilita, pelo anonimato, que os indivíduos liberem-se de todo constrangimento identitário e possam aproveitar a desterritorialização de suas subjetividades, pois estar em casa não significa estar isolado do mundo, podendo “flanar” pelo ciberespaço e entrar em contato com o outro.

Como veremos a seguir, não está havendo um esvaziamento da cidade real com algumas atividades cotidianas sendo realizadas no ciberespaço, mas sim aumentando a circulação e o contato corporal. Neste sentido, a cidade digital de Resende pode potencializar, além de trocas entre os que estão distantes, o contato e a troca em espaços físicos concretos.

A arquitetura do ciberespaço de Resende, como a maioria das cidades, segundo classificação de Augiri e Graham, é formada por três grupos principais: um grupo de elite que utiliza pesadamente as tecnologias da informação, um segundo grupo menos influente que não pode ser caracterizado como de forte usuário da informação, mas como agrupamento daqueles “usados pela informação”; e um terceiro grupo formado pelos off-line, os desconectados, que não participam da sociedade da informação de forma direta e autônoma. Estes são os excluídos do ciberespaço e são a maioria. (Apud LEMOS, 2000, s. p)

(...) a interação entre a nova tecnologia da informação e os processos atuais de transformação social realmente têm um grande impacto nas cidades e seu espaço. De um lado, o layout da forma urbana passa por grande transformação. Mas essa transformação não segue um padrão único, universal: apresenta variação considerável que depende dos contextos históricos, territoriais e institucionais. (CASTELLS, 1999, p. 423)

A Resende virtual está mais próxima de um manancial de informação, de um banco de dados público, de iniciativas particulares, do que de uma verdadeira comunidade interativa informacional, apesar da existência da possibilidade de troca de mensagens entre seus cidadãos. Não existe um processo governamental em andamento para alavancar uma cidade digital. O que há é uma natural procura pela rede por parte dos habitantes e empresas do lugar, buscando participação na sociedade da informação.

Resende possui alguns locais de acesso à Internet, onde o usuário pode, mediante pequeno pagamento, mandar e receber e-mail, fazer pesquisas, salvar em disquete, digitar documentos, matricular crianças em escolas públicas, acessar a Receita Federal, jogos,

música, enfim, tudo que a grande rede pode proporcionar e com a ajuda de pessoas que conhecem o assunto.

Estes locais de acesso situam-se em escritórios, lojas comerciais e até em Cyber Cafés. Através de computadores de última geração colocados à disposição, o usuário pode navegar na Internet. Pagando à parte, pode contar com os serviços de impressão, scanner e hospedagem de e-mail. Para uma cidade onde, por não terem computador, muitos não acessam a Internet de casa, como veremos mais adiante no perfil do internauta de Resende, não deixa de ser uma solução.

A cidade virtual de Resende, longe de fazer uma contraposição com a cidade real, é a sua extensão. É uma complexificação da cidade concreta, sem a qual a virtual não existiria. Ambas se complementam, pois o espaço dos fluxos e o espaço dos lugares resendenses se interagem no contexto da cidade informacional contemporânea.

## **2.1. Perfil dos internautas**

No estudo em tela, na análise da cidade virtual de Resende, identificamos o perfil dos seus “*netizem*”, ou seja, dos internautas que fazem circular informações, comércio, comportamentos e cultura. Para tanto, utilizamos os dados constantes das respostas ao questionário da pesquisa de campo, colocado na Internet através do site <http://www.resenet.com.br/damasco>.

No citado período, 178 internautas responderam às perguntas do questionário, que foi dividido em três partes: Seus dados pessoais; Você na Internet; e Você e Resende. Esta divisão prevalecerá, também, durante a sua análise. É importante conhecer com quem estamos dialogando e de quem estamos falando; por isso, a primeira parte tenta apresentar um perfil isolado do resendense usuário da Internet. Num segundo momento, iremos investigar como o internauta se relaciona com a rede, qual a importância dela em sua vida, levando em consideração o tempo gasto e suas preferências. Na terceira parte, tentaremos desvendar a relação do indivíduo com seu mundo real, a vida cotidiana em sua cidade.

De imediato, vamos apresentar o perfil completo do resendense usuário da Internet: ele é homem, solteiro, com idade entre 20 e 29 anos, estudante com escolaridade média e com o curso superior em andamento, possuindo uma renda mensal inferior a 10 salários mínimos, divididos entre conhecer o idioma inglês ou não, integrando as mais variadas ocupações profissionais, entre as quais destacam-se: militares, profissionais de administração e informática, professores e pesquisadores.

Apesar da maioria masculina, as mulheres estão com participação crescente na rede, ocupando espaço maior a cada pesquisa realizada. Muitas páginas que antes eram dedicadas mais ao público masculino, agora se desdobram em apresentar layout e conteúdo voltados também para o segmento feminino.

Os usuários são predominantemente jovens, com idade inferior a 30 anos, a não ser que tenha havido uma identificação maior dessa parcela do público com o questionário. Na Internet existe um sentido de solidariedade entre iguais.

Quanto ao estado civil e ao nível escolar, vemos que o internauta de Resende não está ainda procurando compromisso sério, pois é solteiro e se dedica aos estudos, estando em formação, matriculado em uma das faculdades da cidade. O aumento da oferta de cursos superiores nos últimos anos, além de sua diversificação, aliado à chegada de novas empresas e indústrias na região, fazem com que o resendense esteja preocupado primeiramente em se capacitar profissionalmente.

Um resultado que chamou nossa atenção foi o baixo poder aquisitivo; inferior a resultados encontrados em diferentes pesquisas realizadas em outros locais do país. Mas, nos demais itens, em média, o perfil do usuário da Internet na cidade não difere da normalidade, espelhando o perfil do internauta do Brasil.

Quanto à segunda parte do questionário, percebemos que o conhecimento e uso da Internet somente nos últimos 30 meses colocam a rede em estado de latência em Resende. O seu potencial na cidade está ainda em vias de ser empregado com mais profundidade. A quantidade de respostas que indicam o uso da rede nos últimos quatro anos, também despertaram o nosso interesse. É um usuário novato, que começa a vislumbrar todas as possibilidades propostas pela Internet, colocando a cidade como um vasto campo a ser explorado.

Embora recentemente conectado, sua relação com a rede é intensa e íntima: a base do contato é o lar e as conexões se dão diariamente. O tempo despendido em média a cada acesso é de 1 a 2 horas. O internauta de Resende está se conectando na mesma proporção dos de outras localidades com presença há mais tempo na rede. Também chama a atenção a quantidade de respondentes que acessam do trabalho ou de instituições de ensino, motivo que entendemos como consequência da sua baixa renda familiar média.

Várias respostas indicam que o resendense possui um endereço eletrônico para se comunicar, mas em raríssimas exceções, tais como professor ou profissional de informática, mantém uma página pessoal on-line para apresentar seus projetos, aulas e curiosidades.

A interatividade sempre foi apontada como um dos grandes avanços apresentados pela Internet. Ela se dá, no entanto, através da virtualização do ser através dos *chats*, *e-mail*, *homepages*. Aquele que se comunica na Internet deve respeitar sua multiplicidade, sua noção de tempo e espaço. Na Internet, o tempo real transfigura as noções de pertencimento e permanência que passam a ser representadas pelo imediatismo e pelo efêmero. Isso não significa que não existam laços sociais no interior da rede. Através da virtualização criam-se novas formas de “estar junto”.

Por ser em grande parte formada de estudantes, professores e militares, a Internet é utilizada em Resende mais para pesquisa do que para transmissão de e-mail ou bate-papo. O que seria mais normal, conforme outras pesquisas do Brasil e do exterior. Pelas respostas, entendemos que o perfil do usuário da Internet na cidade está mais direcionado para a aquisição de conhecimentos do que para a diversão e o lazer.

O caráter de sua relação com a rede é essencialmente utilitarista, voltado à comunicação, à informação e formação. O entretenimento cultural ou mesmo sexual, enquanto assunto, exerce pouco apelo sobre esse Internauta. As páginas mais procuradas são, nesta ordem: jornais e revistas, educacionais/culturais e técnicas-científicas. O que nos causou estranheza foi a pouca quantidade de respostas referentes a sites eróticos e de sexo. Como sabemos, os citados sites são bastante visitados em todo o mundo, o que nos parece oportuno colocar a questão da cidade “provinciana” e a pouca utilização da liberdade que a rede nos proporciona. O internauta desta cidade do interior ainda não se deu conta do espírito de liberdade da Internet. “Será que um funcionário do provedor vai ficar acompanhando as páginas por mim visitadas?”

Muitos freqüentam salas de bate-papo na grande rede, mas pouquíssimos participam de tais salas de sua cidade. O que também mostra que as fronteiras digitais são bastante diferentes das territoriais. Dos que usam os *chats*, poucos usam personagens durante sua conexão. A maioria diz que entra nas salas como sendo a mesma pessoa da vida real. Novamente colocamos a questão da liberdade na rede.

Vários internautas afirmam que ainda não tiveram uma relação mais duradoura, com encontros pessoais, estabelecida a partir de contatos iniciados na Internet. Os que mantiveram a referida relação responderam que foram do tipo de amizade ou profissional. Alguns admitiram que a relação foi de romance e até sexual.

A ausência do corpo na Internet não impede que as relações sociais se dêem. O que ocorre são novas formas de se experimentar essas relações através da virtualização, como já foi visto. Esse novo “eu” virtual, no entanto, difere, e muito, daquela identidade clássica a que estamos acostumados. A Internet dissolve a presença física, possibilita a construção simbólica de um outro eu que não tem necessariamente muita ligação com o real. “Ao se virtualizar o

corpo se multiplica” (LÉVY, 1996, p. 33). O corpo virtual deve, entretanto, seguir as regras espaço-temporais da rede. As interações sociais nela diferem por completo das formadas no mundo real através de uma concepção tradicional e linear do tempo; a rapidez cria e desfaz os laços que sustentam relacionamentos sociais.

As tecnologias recentes como a Internet, supostamente, não influenciam a vida de seus usuários apenas quando esses estão diante do computador. Portanto, conhecer os hábitos dos internautas da cidade, é fundamental para compreender se a rede pode, ou não substituir os costumes. Chegamos, então, na parte do questionário: Você e Resende.

Notamos uma tendência cada vez maior da utilização a Internet para acessar informações sobre o seu trabalho ou a sua escola. O número de respondentes nesse sentido foi bastante grande. O mesmo não acontece quando se perguntou sobre o acesso aos serviços de classificados da cidade, programação cultural, salas de bate-papo de Resende e freqüente participação em enquetes sobre a sua localidade. O resendense está acessando e navegando muito pouco em sua cidade, estando aberto para a busca de informações de outros lugares da rede. Por isso, não nos foi possível tentar fazer uma análise comparativa entre a forma de o resendense se deslocar em sua cidade real e sua forma de navegação na sua cidade virtual.

A forma como o internauta se locomove na grande rede está intrinsecamente ligada à sua constituição espaço-temporal. Na sua movimentação, o usuário se “desterritorializa”, se desliga do seu espaço geográfico e do tempo do relógio. A Internet cria um nomadismo contemporâneo, no qual o usuário da rede é livre para “passear” entre o aglomerado de novos lugares que surgem diariamente na Internet.

O resendense não diminuiu muito outras práticas no seu cotidiano depois que conheceu a Internet, visto que a grande maioria respondeu dessa forma. Porém, algumas atividades tiveram a sua freqüência diminuída, merecendo destaque: assistir televisão, leitura de matérias em jornais e revistas em papel, pesquisa em biblioteca, dormir, praticar esportes, sair à noite e ir a bancos e correios. Notamos que nem todas as atividades citadas são realizadas normalmente com movimentação na cidade real, o que, nesse aspecto, não causou um esvaziamento no espaço dos lugares. Até porque, a cidade está crescendo e recebendo a cada dia novos moradores, vindos de outras praças, acompanhando o progresso do pólo industrial. Além disso, pelo menos uma vez por semana, foi a resposta que mais caracterizou a freqüência com que o resendense pratica sua diversão predileta na cidade, mesmo depois de conhecer e acessar a Internet.

Os resendenses que acessam a rede todos os dias costumam se divertir com mais freqüência também. Esse perfil nos faz crer que o internauta está mais longe do protótipo *Nerd*, solitários enfiados na rede todo o tempo, criado pelo cinema. Não seria possível chegar à conclusão que o fato de acessar a Internet faz com que todos se divirtam mais. No entanto, fica claro que o fato de conhecer, acessar e permanecer horas a fio ligado à Internet não impede que as pessoas mantenham suas ligações sociais, afetivas e cotidianas na vida real. Pelo contrário, tudo indica que o acesso à Internet está diretamente ligado ao gosto pela vida social. É bastante provável, que as pessoas que se identificam com essa vida agitada, encontrem na Internet um novo lugar para conhecer pessoas e construir novos laços sociais.

Acesso às informações com rapidez, divulgação da cidade, expansão do conhecimento, facilidade de comunicação, integração com o mundo, crescimento e avanço tecnológico, aproximação da cidade com a cultura global, acompanhamento das notícias atuais, sejam locais ou mundiais, pesquisa educacional em várias instituições de ensino e valorização cultural, foram as respostas mais encontradas no quesito referente à principal vantagem da Internet para a cidade de Resende. São questões ligadas diretamente com o desenvolvimento trazido pelo avanço tecnológico, informação e conhecimento, aliados à aproximação que o internauta de Resende quer com o mundo, divulgando sua cidade, suas belezas e encantos, conhecendo as demais culturas e aprendendo através das pesquisas.



Através de perguntas abertas, procuramos a relação entre a realidade cotidiana dos habitantes do lugar e o levantamento teórico da pesquisa. O objetivo foi o de abrir um espaço necessário para que o resendense expusesse sua individualidade, sua subjetividade ao lado dos seus preceitos sociais, e aprender como os entrevistados constroem a sua noção de realidade.

## **2.2. Portais e sites**

A idéia dos portais foi a percepção de que pela porta de entrada pode-se associar uma série de conteúdos que possibilitam, em tese, uma maior permanência do usuário dentro de determinado sistema de informação. Assim, os portais migraram, de uma forma generalizada, para os sites que acumulam uma grande quantidade de dados. Os portais mais conhecidos de Resende são <http://www.resende.com.br>, <http://www.regiaodasagulhasnegras.com.br> e <http://www.riosulnet.com.br>.

Nos portais da rede na cidade, a interatividade facilita a comunicação dos visitantes ou usuários com a equipe da redação, permitindo a troca de idéias sobre o conteúdo e a forma do produto noticioso. Conhecendo o que cada internauta deseja, os jornalistas podem produzir conteúdo apropriado para o seu público, atrair novos visitantes ao site e estimular a colaboração dos próprios usuários, para que se tornem também produtores e emissores de informação. O objetivo do jornalista é o de criar conteúdos que provoquem a audiência e administrar as reações que daí advêm. (MELO, 2001, p. 53)

Nos portais, busca-se a personalização, que é outra característica marcante na rede, que a diferencia dos meios de comunicação tradicionais. Tal personalização de formas e conteúdos, como afirma Elhajji, não se restringe a “escolher entre opções limitadas e predeterminadas, mas sim dar livremente forma ao seu programa.” O pesquisador traça perspectivas da convergência para a multimídia: “A intervenção do usuário, que não deverá ficar mais no papel passivo atual, permitirá editar, montar, selecionar, misturar e comparar fontes e até dar formato, produção e arte final aos programas.” (ELHAJJI, 1998, p. 68-9)

O internauta de Resende não é como um leitor ou espectador: é ativo, utiliza boa parte de seu tempo de navegação trocando mensagens de e-mail, comunicando-se. Quando procura informação, quer estar no controle da experiência, mas sem ter muito trabalho com isso. A personalização advém desta idéia de conhecer o gosto dos cidadãos na Internet e oferecer o que procuram com facilidade e comodidade. A questão que tem gerado discussão junto à comunidade on-line é de como conciliar a personalização com o direito à privacidade.

Nossa proposta também foi analisar vários sites, de diversas categorias, tanto pessoais, como de empresas, escolas, saúde, negócios diversos, procurando levantar alguns aspectos determinantes, tais como a interatividade, a personalização, a atualização, a apresentação, a navegação, entre outros, além de manter um contato via e-mail, para concluir quanto ao tempo de resposta, como veremos a seguir. No que diz respeito a esta parte da pesquisa, visamos conhecer as potencialidades do emprego de páginas na Web, originárias de Resende, tendo em vista o uso da rede de computadores para comunicação global de negócios locais. Não levamos em consideração os sites pessoais pela quantidade disponível, mas a relação pesquisada nos dá a dimensão do município digital.

O site é uma mídia interativa importante, e requer adaptações estruturais e visuais em níveis diferentes dos utilizados pelas mídias de massa. Em função da possibilidade de posicionamento na rede, impulsionada em grande parte pelo rápido crescimento da Web, muitos sites úteis estão surgindo e modificando-se continuamente. Especial importância deve ser dada à forma eficiente de integrar dados, possibilitando ao internauta um acesso às informações de maneira quase personalizada através da liberdade de direcionamento de acesso aos conteúdos apresentados. Além disso, demos importância à possibilidade de comunicação, informação e apresentação de aspectos relativos ao negócio proposto.

Foram escolhidos aleatoriamente 18 sites oriundos de Resende, divididos nas seguintes categorias: 5 de educação; 3 de meios de comunicação 2 de saúde; 2 de hotelaria; 2 de cursos profissionalizantes; 2 de vendas de produtos e 2 de serviços.

Através do link para contato existente em cada *homepage*, enviamos um e-mail para cada página, solicitando informações sobre algum aspecto de sua área de atuação definida no conteúdo do site. A partir de então, marcamos o tempo para as respostas, levando em consideração, também, o próprio conteúdo da mesma, pois não basta estar na Internet; há que manter a página constantemente atualizada e prestar os esclarecimentos necessários sempre que for solicitado por clientes em potencial.

Obtivemos 6 respostas nas primeiras 24 horas e mais 3 nas 48 horas seguintes. Num prazo de 4 dias haviam chegado um total de 10 respostas, sendo que na área de educação e cursos, apenas 3 respostas foram enviadas no referido prazo. No que diz respeito aos negócios e comunicação, os e-mails totalizaram 5. O último foi da área de saúde. A interatividade não alcançou o objetivo proposto por descaso dos próprios proprietários das páginas, que dispõem de um link para contato em seu site e não respondem a tempo aos questionamentos feitos.

Notamos que naquilo que gera clientela e receitas, existe uma preocupação de um contato e resposta rápida com o possível cliente, enquanto que em outras categorias de negócios tende a ser mais lenta a forma de se comunicar. Quase a metade não respondeu às indagações propostas, o que nos leva a considerar uma exploração pouco proveitosa das oportunidades da Internet.

A partir da aplicação criteriosa dos métodos propostos, foi possível gerar um modelo para observação de sites diversos de Resende. Aspectos como conectividade, comunicação com o ambiente, busca de informações e estabelecimento de presença na rede estão entre as principais questões relacionadas à influência da Internet, cujos recursos representam novas oportunidades para os negócios. A promessa de expandir empreendimentos e aumentar transações deve afetar mais a forma como as empresas de Resende conduzem seus negócios.

Um dos pontos de sucesso para uma página na Internet é que o site seja aberto e carregado rapidamente. Quanto à análise do tempo de carregamento das páginas de Resende, a grande maioria concluiu sua abertura dentro do prazo de 20 segundos. Segundo pesquisa divulgada, apenas 5% dos internautas esperam pelo tempo necessário para que a página seja carregada (TORRES e COZER, 2000, p. 103). A maioria das pessoas aguarda somente cerca de 15 segundos para o carregamento da página. Dessa forma, ter uma página rápida é um poderoso aliado na hora de conquistar usuários.

A maioria dos sites eram de fácil navegação, com links bem estruturados que nos conduziam com facilidade ao local desejado. Conseguimos obter o que desejávamos através de uma navegação simples. Porém existe por parte de algumas páginas um deslumbramento com a nova mídia, com uma escalada no tamanho das páginas, com o acréscimo de sons, animações, etc. O design de algumas páginas cria uma mistura ruim de cores e assuntos.

Um problema que mereceu análise mais profunda foi com relação à atualização constante da página. Talvez isso não seja um problema isolado em Resende, mas deve ser apontado como uma falha grosseira para quem pretende se fixar na Internet. Nada pior para um visitante do que ele encontrar uma página desatualizada durante uma pesquisa. Existem tipos de negócios que não exigem uma atenção premente com sua atualização, mas, mesmo assim, devemos modificar algo, nem que seja o layout da página, para que o usuário da Internet se sinta sempre em contato com uma novidade. Já aqueles cuja área de atuação requer uma constante atualização, como as informações noticiosas, os eventos atuais, entre outras, merecem uma dedicação integral para manutenção de sua competitividade na grande rede.

A parte mais positiva da pesquisa refere-se ao armazenamento de informações, visto que foi uma agradável surpresa conhecer páginas com tão grande quantidade de informações, catalogadas de maneira simples e com bastante facilidade de recuperação. Existem bases de

dados para qualquer tipo de assunto na dimensão da cidade virtual. Em Resende, os sites estão se aproveitando desta característica técnico-comunicacional da rede.

### 3. CONCLUINDO ENTRE A REAL E A VIRTUAL

Após a análise do perfil da Resende virtual, faz-se necessário verificar a sua dimensão em contraponto com a cidade real, a partir dos serviços que nela se apresentam e das relações entre seus habitantes. Será a cidade virtual um simulacro da cidade real? Nesta conclusão da pesquisa procuramos mostrar as impressões deixadas pelos espaços concreto e de fluxo nas relações vividas pelos internautas de Resende.

O contraponto entre real e virtual é explicado por Castells (1999, p. 395) com a ajuda do dicionário: “segundo o qual: virtual: que existe na prática, embora não estrita ou nominalmente, e real: que existe de fato”. O autor refere-se ainda à “cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade”:

(...) o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas do seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. (Idem, p. 397-8)

Embora possamos apreender por mapas e fotos o real espaço de uma cidade, as cidades no ciberespaço entram em uma geografia de difícil apreensão. Qual a imagem do ciberespaço? Mais ainda, qual a imagem de uma cidade no ciberespaço, onde as ruas, praças, monumentos, centros comerciais não passam de simulacros? De toda maneira, existe uma alma encantadora das cidades que será dificilmente transposta para o ciberespaço.

A abertura de sites na Internet adquire uma dimensão diferente da cidade real; isto significa que novos lugares virtuais são acrescentados à cidade. A rapidez das transformações e a expansão da cidade virtual não se verificam na cidade real. Isto pode ser explicado pelo fato de as páginas da Web extrapolarem o espaço concreto. Em Resende, isto não é diferente. Julgamos que, ao falar do ciberespaço não podemos falar efetivamente de uma nova realidade, mas sim de um espaço onde ocorre, por um lado a radicalização da nossa noção de tempo e espaço, ao mesmo tempo que existe uma interdependência entre aquilo que aí se desenrola e o que ocorre no espaço exterior, o espaço dos lugares.

No entanto, a Resende do ciberespaço, não substitui a Resende do espaço real; apresenta-se mais como uma continuidade do que como uma alternativa. O ciberespaço não é um espaço onde se possa viver, ele é o espaço dos fluxos eletrônicos de informação e como tal condiciona e influi na nossa vida, tal como as nossas ações no espaço dos lugares o influenciam no seu curso.

No contraponto entre ambas, se sobrepõem em camadas sucessivas e por vezes indissociáveis, de tão interdependentes, o espaço dos lugares e o espaço dos fluxos de informação. O espaço geográfico da Resende real é delimitado pela soma de todos os pontos onde existe a convergência de aglomerados urbanos, enquanto que o da Resende virtual é delimitado pelos nós das diversas redes que propiciam a comunicação. Esses são os espaços de uma Resende em tempos de Internet, também com seus pólos de desenvolvimento econômico, cultural e social na contemporaneidade.

A metáfora da cidade é porventura aquela que melhor nos traduz a verdadeira realidade de um espaço de comunicação e informação que é o ciberespaço. Tal como na cidade do espaço dos lugares, a Resende virtual nos traduz um ciberespaço que é passível de ser olhado como heterogeneidade, coletividade, princípio visual e organização espacial. (CARDOSO e AFONSO, 1999, s. p.)

Heterogeneidade, no sentido em que é a diversidade e o multiculturalismo que presidem este espaço. A mistura de sons, vozes, cores, unificadas apenas pela unidade digital, é o sinal que conduz à liberdade de expressão como valor essencial.

Coletividade, pois todos combinam seus interesses individuais com a defesa dos interesses coletivos do grupo tal como na cidade real. A soma das atuações de cada um é o que permite e gere a subsistência deste espaço dos fluxos de informação.

Princípio visual, tal como Resende do espaço dos lugares, também aqui preside o espetáculo visual. É apenas pensar o ciberespaço não como objeto mítico, mas sim como mais uma parcela do nosso mundo, com tudo o que vemos, fazemos e nos rodeia, seja essa informação mediada pelos nossos olhos, ou filtrada pelas lentes de um monitor.

Organização espacial, já que aquilo que constitui este espaço, os fluxos de informação, define-se em função da sua localização. Trata-se de um espaço onde a bi-dimensionalidade é predominante, mas sua localização continua a caber na dimensão espacial.

A cidade real é o produto de crescimento ao longo do tempo, resultado de um esforço coletivo de organização do homem em sociedade num certo espaço, respondendo às necessidades de um determinado momento e preparando o seu desenvolvimento futuro. É a concentração do edificado, da habitação, dos equipamentos e outros. Não é o grande número de indivíduos ou de funções, é a sua junção e a sua distinção num mesmo espaço e tempo.

Sabemos que uma cidade não é um simples arranjo espacial de ruas, prédios e monumentos, mas uma rede eco-social complexa, interligando diferentes sistemas e agrupamentos sócio-culturais, em que as inter-relações e as formas de impacto de um sistema sobre outro não podem ser simplesmente determinadas. Assim, não é tarefa fácil digitalizar a cidade concreta de Resende. Devemos ter em mente esta complexidade para que a cidade digital não seja apenas uma metáfora simplificadora. O design deve explorar o potencial de conexão entre as pessoas e evitar ser uma simples transposição espacial do espaço.

Se buscarmos analogias com Resende virtual, veremos que estas não se constituem em paisagens, mas estão mais próximas de planos e mapas por serem descrições digitais das cidades reais. Embora sejam fluxo de informação, as cidades digitais diferenciam-se das cidades reais por não serem constituídas por fluxo e trânsito de pessoas pelo tecido urbano. Como vimos, ela não é um campo onde transitam coisas, mas um espaço eletrônico onde trafegam bits e bytes. Assim, o objetivo de uma cidade digital não é substituir a cidade real pela descrição de seus dados, mas insistir em formas de fluxos comunicacionais e de transporte através da ação à distância, que é uma característica das redes telemáticas. Ela deve reivindicar ser uma narrativa da cidade e não sua transposição literal ou espacial. São os links escolhidos na estrutura hipertextual que definem o traçado, que constituem o espaço, o ciberterritório ocupado.

A Resende virtual é uma descrição/narração em que os olhos não vêem coisas, mas simulações de quase-objetos, ícones e símbolos gráficos como praças, ruas, monumentos. O ciber-cidadão não é um *flanêur* que passa pelas ruas, mas um *ciber-flanêur* que clica nos links do ciberespaço, tendo uma relação muito mais intelectual do que corporal com o lugar. O ciberespaço, como o espaço urbano, é um sistema de signos e de significações.

Para Barbero (1996, p.27), o paradigma informacional está substituindo o comunicacional. O novo paradigma está centrado sobre o conceito de fluxos. Existem assim, neste espaço, três fatores: a des-espacialização, o descentramento e a des-urbanização. O primeiro refere-se à ênfase no tempo das trocas, no fluxo de informações que transforma os lugares em espaços de fluxos. O segundo, que se refere à perda do centro, significa que, no espaço de fluxos, todos os lugares são equivalentes, acarretando a desvalorização de lugares antes tidos como centrais. O terceiro fator lida com a perda cada vez maior de uso da cidade pelos cidadãos. Isso significa que o fluxo pelas ruas, praças e avenidas se faz, agora, na lógica da consumação e do trabalho, fazendo com que os cidadãos fujam do caos urbano, seja

refugiando-se em espaços paradisíacos privados (shoppings, condomínios fechados, guetos), seja fugindo para espaços periféricos dos grandes centros.

Segundo o filósofo francês Pierre Lévy, não se trata de substituir a cidade real pela virtual, mas de potencializar o acesso de todos aos processos de inteligência coletiva e habitar o ciberespaço da mesma forma que habitamos a cidade geográfica. Trata-se assim de não incitar “de forma alguma a deixar o território para perder-se no ‘virtual’, nem a que um deles ‘imite’ o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro.” (LÉVY, 1999, p. 196)

Apesar de a cidade virtual de Resende se constituir a partir das desigualdades sócio-espaciais presentes na cidade real, a dinâmica da cidade virtual abole, de certa forma, estas desigualdades porque, em princípio, todos são “iguais” na rede. Não há distinção de sexo, raça, renda etc. Nesse sentido a cidade virtual se contrapõe às desigualdades sócio-espaciais da cidade real de Resende. Se bem que o número de excluídos na Resende virtual sejam em número superior aos excluídos na cidade real.

A Resende dos lugares possui um poder central e uma administração que responde junto à população por suas necessidades e seus reclames, posto que foram eleitos e investidos de tal poder para que possam realizar e executar as leis em benefício da comunidade e do crescimento da cidade. Já a Resende dos fluxos não possui um centro, pois nenhum nó ou ponto da malha tem poder sobre os demais. É uma rede de iguais onde todos têm plena liberdade de participação para expor seus pensamentos.

A virtualidade de Resende nos apresenta uma cidade mais asséptica, onde não temos contato com as “mazelas sociais” materiais da cidade, tais como mendicância, menores de rua, prostituição, fedores, além de não deixar à mostra os buracos do asfalto, os esqueletos de prédios inacabados, os esgotos despejados no Rio Paraíba do Sul, além de outros.

Outra questão a ser levantada diz respeito aos pontos de entrada e saída da cidade real. Para ter acesso à Rodovia Presidente Dutra, eixo rodoviário que liga duas metrópoles do país, tendo em vista a geografia do Rio Paraíba do Sul e a linha férrea da EFCB, Resende apresenta, apenas, 2 vias, estando a terceira em construção. Enquanto que a Resende virtual liga o resendense ao mundo com cliques no mouse com imediatez, dando uma percepção de presentificação em qualquer “lugar”.

Um aspecto interessante é sobre a violência da cidade virtual. Nela, a violência urbana ganha novos formatos, visto que os danos causados aos indivíduos, não se referem à vida, mas sim aos instrumentos usados para o acesso e a manipulação da rede. Da mesma forma que o anonimato aproxima os “homens de bem”, interagem e fortalecem os desajustados do mundo real. O anonimato dá vazão aos seus desejos nem sempre éticos.

Os fluxos da cidade real, tais como comunicações e transportes, desde o Gênio Resendense, primeiro periódico de Resende, e das carroças e charretes de 1950, se transformaram, com a Internet, numa representação virtual da cidade, onde podemos nos comunicar com todos e nos “transportar” para outras partes do planeta, sem sairmos da frente do computador localizado na cidade real.

Nas duas Resende aqui tratadas o encontro do “outro”, organizado em grupos que visam a esse fim, como clubes, associações, entre outros, representa a tentativa de resposta e remédio para o sentimento de solidão urbana e permite o uso de códigos e regras, como que “recriando” a sociedade. Ser o que gostaria de ser no “mundo real” e que não o é devido às obrigações sociais. Logo, o ciberespaço possibilita a emergência de uma socialidade na Resende virtual que se diferencia da sociabilidade da cidade real e concreta.

Na cidade virtual os serviços são oferecidos durante 24 horas por dia e todos os dias, ao contrário da cidade real, porque os satélites ao encobrirem todo o planeta conectam o homem ao mundo, alteram a concepção de espaço geográfico e põem fim ao que se entende hoje por metrópole, pois a cidade perde a sua importância como poder central. Os serviços são

inúmeros, em Resende, levando os usuários aos bancos escolares, bancos, provedores, a ler as notícias de jornais, fazer compras, encontrar amigos e outros.

Na cidade real, nem sempre encontramos vagas de empregos para mão-de-obra no setor comercial e de serviços, apesar do parque industrial crescente, enquanto que na rede se ampliam os tipos de serviços empregando profissionais ligados à “nova economia”. Isto acontece em função da nova forma de trabalho. O ciberespaço abre novas possibilidades de empregos reais, remunerações e serviços em função do crescimento do comércio e dos investimentos globais, abrindo de fato um mercado novo, mais transparente do que o mercado clássico. Este mercado não conhece distâncias geográficas. Todos os pontos estão em princípio igualmente “próximos” um dos outros para o comprador potencial. A rede potencializa a capacidade de manipulação do conhecimento e das informações em escala global, rompendo as barreiras espaciais impostas pela cidade real. (LÉVY, 1996, p. 62)

Não podemos deixar de mencionar, a revolução causada pelo correio eletrônico. É possível chegar a distâncias longas, apenas num apertar de botões. Permitindo, inclusive o envio de documentos, antes feito por fax e correios. Castells questiona se o domicílio eletrônico levaria ao fim da cidade. Desta forma podemos antecipar que está surgindo uma nova forma urbana, a cidade informacional.

O desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo e assim por diante. Por isso, os futurologistas freqüentemente predizem o fim da cidade, ou pelo menos das cidades como as conhecemos até agora, visto que estão destituídas de sua necessidade funcional. (CASTELLS, 1999, p. 419)

É claro que toda a relação existente dos meios de comunicação eletrônicos e digitais seja ela de caráter empresarial, financeiro ou afetivo, não substituíram as relações no campo real e por mais que se façam no virtual, concretizam-se no real ou investem na Resende real.

Um outro aspecto importante da Resende virtual é a questão da mobilidade das pessoas e dos serviços, de modo a evitar as barreiras físicas impostas pela cidade real. Seus habitantes não precisam mais ir ao banco para realizar uma série de serviços. A cidade do ciberespaço nos permite evitar o tráfego, a violência urbana, a fila dos bancos, a demora da entrega das correspondências. A rede permite uma maior movimentação e manipulação do espaço virtual por parte dos usuários. Na cidade real, as formas materiais, políticas e institucionais impõem barreiras à mobilidade do indivíduo.

Ao falar das tecnologias da informação e da comunicação, destacamos a questão do *zapping*. Através do digital, os indivíduos acessam cenas, imagens, informações pelas redes; mas também imagens, cenas, cenários, fatos, acontecimentos das cidades reais. O *zapping*, que sempre esteve ligado à questão do controle remoto, da televisão e do videocassete, pode, então, com a miniaturização das tecnologias comunicacionais, deslocar-se para o campo da cultura. O indivíduo pode zapear a cidade, buscando na rede só os pontos de seu interesse. O que acontece é que ele pode provocar uma crise do próprio espaço, se encaminhando no sentido de só eleger como real aquilo que lhe interessa.

Em virtude da proliferação das novas tecnologias de ponta, desaparece toda uma ordem de relações, questão que está associada à obliteração do espaço urbano e das cidades reais. O princípio básico das intervenções urbanas é o do policiamento, mesmo quando não é feito ostensivamente e recorre a circuitos eletrônicos, ainda assim o que se tem é um controle da população, mas, também, uma forma de a Resende virtual se apresentar.

As experiências conhecidas na Resende dos fluxos ficam entre as possibilidades de interatividade e vitalismo social da cibercultura, com tentativas de criar espaços coletivos alternativos e promotores da interação tanto em bits quanto em átomos e de criar ferramentas e instâncias de representatividade política e cidadã. (LEMOS, 1999, s. p.)

Assim, a revolução tecnológica das telecomunicações via informática criou não só o ambiente artificial da cidade eletrônica, como também tem impactado na cidade real. As principais cidades do país e do mundo já estão reestruturando seu espaço, em face das grandes empresas transnacionais que demandam a inserção dos lugares em um espaço de fluxos globais, como é o caso da Volkswagen, em Resende. Do ponto de vista da força de trabalho, a cultura da rede já altera a vida de alguns trabalhadores. Tradicionalmente, a cidade real é diferenciada internamente entre o local de trabalho e a residência. Hoje alguns empresários promovem a utilização da própria casa do trabalhador como um pequeno escritório acessado à rede central da empresa e ao mundo.

A Resende virtual se movimenta e se transforma mais rapidamente. Apesar de sua complexidade, tem evolução constante, adapta-se com facilidade às inovações, é puro sentimento e propagação de vitalismo social. A Resende real cresce, se aproveita da virtual para chegar e se mostrar para o resto do mundo. Usa, como de costume, os átomos em seus encontros, e é bem mais idosa que a Resende virtual. Como qualquer cidade, tem seus problemas e soluções, que a rede pode esconder e exaltar, respectivamente. Ambos os modelos caminham juntos de modo que o local se apresente como uma cidade global. O planejamento urbano da cidade real não pode estar mais separado dos investimentos e do planejamento da cidade virtual, porque ambos se completam.

O prazer de estar conectado e ter uma vida virtual provoca mudanças de hábitos dos internautas em relação as suas afetividades e a cidade em que moram. Resende está fortemente presente neste universo. É parte integrante do ciberespaço e, ao pertencer a este contexto, é uma cidade global. Ainda há muito a ser explorado por todos os resendenses na rede. Uma nova realidade sem fronteiras, repletas de novas oportunidades, em todos os segmentos. O mundo está sob o seu “controle”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. *Os urbanitas*. 1992. Disponível na Internet via <http://www.aguaforte.com/antropologia/index.html>. Consultado em 8 de outubro de 2004.

BARBERO, J. Martins. *La Ciudad Virtual. Transformationes de la sensibilidad y nuevos escenarios de comunicación*. In: Revista de la Universidad del Valle. n. 14, Cali, 1996.

CARDOSO, Gustavo; AFONSO, João. *As cidades: uma incursão sobre a cidadania*. 1999 Disponível na Internet via <http://www.cav.iscte.pt/~gustavo/snm/telepolis.htm>. Consultado em 20 de outubro de 2004.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ELHAJJI, Mohammed. *Perspectivas da convergência*. In: Lumina 1. Revista da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF, v. 1, n. 1, dez, 1998.

LEFEBVRE, Henri. *La Révolution Urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.

LEMOS, André. *Cibercidades*. 2000. Disponível na Internet via [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt\\_and1.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and1.htm). Consultado em 21 de janeiro de 2005.

\_\_\_\_\_. *Ciber-Socialidade: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Janeiro de 1999. Disponível na Internet via [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt\\_and3.htm](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/txt_and3.htm). Consultado em 17 de julho de 2005.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MELO, Luciana M. *Identidade local na rede*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da ECO/UFRJ, 2001.

SCHWINGEL, Carla. *Átomos e bits em fluxos, e o cidadão na cibercultura?* Disponível na Internet via [http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/art\\_carla2.html](http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/art_carla2.html). Consultado em 16 de junho de 2005.

SILVA, Michéle T. Candido. *A dimensão do ciberespaço sob o prisma da cidade digital de Niterói*. Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação de Organização Espacial do Rio de Janeiro da UFF, 2000. Disponível na Internet via <http://www.tamandare.g12.br/indexciber.htm>. Consultado em 5 de setembro de 2004.

TORRES, Gabriel.; COZER, Alberto. *Alavancando negócios na Internet*. Rio de Janeiro: Axcel, 2000.